



## ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA A PARTIR DA MEIA-IDADE<sup>1</sup>

*Simone Silva Pires de Assumpção<sup>2</sup>. UNIJUI*

A crença popular dita que aprender se torna mais difícil com o passar dos anos. No entanto, é equivocada a idéia de que a idade é inversamente proporcional à capacidade de aprendizado. O conhecimento que se tem até o momento sobre o desenvolvimento cerebral do ser humano não deixa dúvidas de que a primeira década de vida é de fato a mais importante para a criação e a manutenção dos neurônios e suas sinapses (Shore, 2000). Ao final da vida, o cérebro costuma ser apenas 10% menos denso, o que por si só não implica decréscimo de capacidade mental, pois entram em ação mecanismos compensatórios que aumentam a velocidade de captação e liberação do neurotransmissor pelos mesmos neurônios que permanecem intactos (Mora, 2004:151). Portanto, o cérebro de uma pessoa de sessenta ou setenta anos pode ser, mas não necessariamente é, menos denso e menos capaz do que o de um jovem de vinte anos. Envelhecimento físico e mental não andam necessariamente juntos. Os jovens desta pesquisa objetivam falar inglês primordialmente porque consideram a língua fundamental para a carreira. Os maduros, além de aprender inglês simplesmente porque gostam, querem manter a mente ativa e conviver com os colegas. Os jovens preferem estudar a palavra falada, os maduros, a escrita, provavelmente por causa de seu histórico com o ensino. Porém, todos desejam falar, e os mais velhos se preocupam e sentem mais dificuldade com a pronúncia. Os maduros são mais persistentes diante das dificuldades e têm menos medo de errar, mas se consideram piores alunos. Suas crenças sobre si mesmos são mais negativas, confiam menos em sua capacidade de aprender e em sua memória, e a maioria não se considera bom em nenhuma das quatro habilidades. Todos têm uma visão positiva da língua inglesa, mas os mais velhos confiam mais na memorização de regras do que na prática da língua. Os alunos de meia-idade costumam formar um grupo mais coeso – todos no mesmo barco. Porém, experimentam emoções mais negativas, como inibição, ansiedade e frustração. Os resultados da pesquisa deixaram claro que os alunos de meia-idade têm uma atitude bastante positiva em relação à língua inglesa. Porém, suas crenças e emoções mostraram-se mais negativas do que as dos jovens. Revelaram um certo descrédito em relação à própria capacidade de aprendizado. Acredito que a existência de um preconceito quanto às capacidades das pessoas nessa faixa etária pode ter uma parcela de responsabilidade por esse descrédito, uma vez que o pensamento dos próprios alunos reflete essa realidade, mas tais impressões dos alunos (tanto em relação à memória quanto à capacidade de aprendizado) podem ser reais ou reflexo de crenças falsas. O fato importante para os professores é que esses estudantes mostraram menos autoconfiança do que os jovens. As emoções que experimentaram também continham mais elementos negativos (como inibição, ansiedade e frustração). Provavelmente, a falta de autoconfiança seja uma das responsáveis pelo surgimento desses sentimentos. O que fazer para mudar essa situação é uma questão complexa. Em primeiro lugar, esses alunos não devem ser inseridos em turmas de adultos jovens, pois têm um perfil particular. Os idosos objetivam mais a socialização e menos o processo cognitivo, ao contrário dos jovens. Os estudantes de meia-idade já começam a apresentar um desejo de socialização e afetuosidade através das aulas de inglês, sem no entanto perder o forte interesse pela língua, pois o prazer que buscam está primordialmente no aprendizado, não no convívio social. O que pode

<sup>1</sup> Tese de Doutorado.

<sup>2</sup> Professora do DELAC, Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Inglesa e Respectivas Literaturas; Curso de Pós-graduação em Ensino/aprendizagem de Línguas; monisp@ibestvip.om.br.



---

observar durante a investigação é que características como perseverança e paciência podem e devem ser aproveitadas pelo professor através do incentivo ao exercício da língua, mas sem jamais sobrecarregar os alunos com repetições desnecessárias. É preciso encontrar um ponto de equilíbrio entre essas duas práticas em cada atividade de aula, para não minar a motivação. Os alunos também devem ser alertados para o fato de estarem *praticando*, não *repetindo*, para não terem reforçada a falsa crença de que são lentos e pouco capazes. Tudo o que o professor puder fazer para tornar a aula prazerosa, proporcionando emoções mais positivas, é válido, desde que o aprendizado seja a meta principal.